

NARRATIVAS INFANTIS: A LITERATURA E A TELEVISÃO DE QUE AS CRIANÇAS GOSTAM - CONSIDERAÇÕES SOBRE OS RESULTADOS DE UMA PESQUISA

Renata Junqueira de Souza*

RESUMO: Este artigo relata, sumariamente, os resultados de uma pesquisa de campo, que introduziu a dissertação de mestrado **Narrativas infantis: a literatura e a televisão de que as crianças gostam**, apresentada na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - Porto Alegre (setembro/1991). Pretende-se traçar aqui um paralelo entre livros infantis e desenhos animados mais consumidos e assistidos pelo público de segunda a quarta série do primeiro grau da cidade de Bauru - São Paulo, delineando assim, o perfil de leitor/telespectador. O estudo contrasta e discute as semelhanças e diferenças entre o livro infantil e o desenho animado, entre o leitor e telespectador quanto à transmissão de normas.

Palavras-Chave: Literatura Infantil; Leitura; Televisão; Desenho Animado; Ideologia.

O motivo de trabalhar com as **narrativas infantis** e com a **literatura e a televisão de que as crianças gostam**, surgiu de uma preocupação com as diversas produções culturais infantis e o acesso a elas.

Essa idéia evoluiu para um trabalho cujos objetivos foram detectar as preferências infantis de acordo com o sexo; analisar as ideologias transmitidas pelos livros infantis e desenhos animados; e traçar o perfil do leitor-telespectador.

A partir daí, observou-se que a criança brasileira tem várias produções culturais ao seu alcance, mas por fatores econômicos, sociais e culturais, muitas vezes não pode ir a um cinema, comprar uma revista em quadrinhos, assistir a uma peça teatral, ouvir uma boa música direcionada a sua idade.

Esses mesmos fatores não impedem que a maioria das crianças tenha acesso ao livro infantil e à televisão.

O hábito de ler livros começa em casa, segundo Bamberger.

Os pais podem ser os primeiros incentivadores da leitura. Mas para isso teriam que ser leitores ou, pelo menos, proporcionar o contacto da criança com o livro. Quando isso não acontece, a escola surge como promotora do gosto pela leitura entre as crianças.

A televisão é um outro meio de fácil acesso. Pesquisas informam que a criança consome grande parte de seu tempo livre frente à televisão. Uma reportagem feita por Pinto, em julho de 1987, para a revista **Afinal**, provava que entre os programas televisivos a preferência infantil recaía sobre os desenhos animados, veiculados por todos os canais.

Por esses motivos, o livro infantil e o desenho animado foram escolhidos como objetos da pesquisa, pois são produções culturais de fácil acesso para a criança.

Os propósitos da pesquisa foram os de identificar o interesse da criança pelo livro infantil ou desenho animado tendo como variável o sexo; analisar a qualidade do material de leitura quanto às normas transmitidas; e traçar um perfil do leitor-telespectador, através da interpretação dos objetos de sua preferência.

Assim, a pesquisa teve dois momentos.

O primeiro foi a pesquisa de campo, através da qual se conheceram as preferências de meninos e meninas, livros e desenhos de que mais gostam. Nessa etapa, foram entrevistadas 814 crianças matriculadas na segunda, terceira e quarta séries do primeiro grau, em escolas municipais, estaduais e particulares na cidade de Bauru, São Paulo. Essa cidade tem uma população estimada, atualmente, em 250 mil habitantes, e pode ser tomada como exemplo de município de médio porte.

* Departamento de Educação - Faculdade de Ciências e Tecnologia - UNESP - 19060-900 - Presidente Prudente - Estado de São Paulo - Brasil.

O instrumento da pesquisa de campo foi um questionário com perguntas objetivas. O sexo foi escolhido como variável por acreditar-se que entre meninos e meninas as preferências seriam diferentes.

Um segundo momento foi a pesquisa bibliográfico-analítica, que se prendeu ao corpus delimitado na pesquisa de campo. Foram analisados os livros e desenhos mais citados pelas crianças entrevistadas.

Os livros mais citados foram: **Branca de Neve, Os três porquinhos, Chapeuzinho Vermelho e Pinóquio**; e os desenhos foram: **Pica-pau, A caverna do dragão, Turma da pesada, He-man, Smurfs e Thundercats**.

De Bremond e sua teoria contida em **A lógica dos possíveis narrativos**, extraiu-se o modelo para descrição dos textos. Com isso foi possível buscar nos livros e desenhos analisados a ideologia transmitida. E a partir da ideologia, pretendeu-se identificar o leitor-telespectador, supostamente influenciado pelas mensagens contidas nos livros infantis e desenhos animados.

Julgou-se que tanto os livros infantis quanto os desenhos animados teriam uma ideologia ou valores a serem transmitidos. Esses valores diriam respeito ao modelo de infância defendido pela classe dominante e pelos próprios autores.

Feita a descrição dos textos e analisadas as normas e ideologias transmitidas, chegou-se a alguns resultados.

O primeiro foi que os interesses de leitura são diferentes em relação ao sexo e que a psicóloga Anastasi estava certa quando em suas pesquisas concluiu que meninos preferem aventuras, viagens e explorações; enquanto que meninas preferem romances e histórias de vida familiar e crianças. As obras analisadas têm seu público preferencial, mas os autores muitas vezes misturam elementos que agradam tanto ao sexo masculino quanto ao sexo feminino - facilitando, assim, a transmissão de normas.

Acredita-se que o leitor-telespectador assimile algumas dessas normas. Nesse caso, o contato com o livro e a televisão estaria influenciando a formação da criança.

Analisando-se os textos, notou-se que todas as narrativas transmitem normas.

O machismo é uma delas. Ele está presente tanto nos livros quanto nos desenhos animados. Os heróis do sexo masculino sempre lutam para defender seu reino e seu povo, enquanto que as personagens femininas estão sempre envolvidas com assuntos mais fúteis como, por exemplo, eliminar a adversária por causa de sua beleza. Mesmo quando as personagens femininas são conselheiras ou fonte de poder, precisam da proteção masculina. Caso os leitores infantis assimilem essa mensagem,

crecerão com os mesmos princípios morais e conviverão conformados com a sociedade machista.

Uma outra norma transmitida pelos textos diz respeito aos mais velhos. As personagens idosas sempre surgem como fonte de sabedoria e alguns heróis se aconselham com elas. No entanto, o papel dos anciãos é só esse. A eles não é dada uma participação maior no enredo, pois será sempre a ação vigorosa dos jovens que resolverá a trama.

A aceitação incondicional da ordem estabelecida seria mais uma norma presente nas narrativas infantis. O trabalho, por exemplo, é mostrado como um valor em si. Nunca é remunerado e nem gera riquezas, apenas é executado, quase como uma atividade instintiva.

Um outro fator é que os heróis zelam pela preservação da ordem e quando, por algum motivo, fogem a essa regra, o fazem temporariamente, arrependem-se e voltam a defender a ordem. Esses heróis que lutam contra inimigos poderosos nunca questionam uma autoridade superior ou a organização social de seu povo. A recepção de normas desse tipo pode estar formando crianças conformistas, propensas a aceitar como corretas e imutáveis as regras sociais.

A questão racial também está presente nos textos infantis. Os papéis mais importantes são sempre atribuídos às personagens de pele, cabelos e olhos claros. No corpus analisado não há sequer uma personagem com traços orientais. A única personagem negra é do desenho animado **A caverna do dragão**. Trata-se de uma adolescente que possui, como elemento mágico, uma vara igual às usadas em competições atléticas. Com essa vara ela pode saltar e combater os inimigos. Como o desenho é uma produção norte-americana, não é difícil associar essa imagem à situação do negro, numa sociedade onde as pessoas dessa raça têm, no esporte, um dos poucos meios de se sobressair.

Uma outra questão é a do perfil da criança que venha a assimilar todas essas normas. Os leitores e telespectadores estariam se formando cidadãos machistas e racistas, passivos e conformados, veneradores do trabalho e da juventude e discriminadores de quem lhes for apresentado como vilão ou "pessoa má", sem questionar esses rótulos.

Além disso, a criança que for influenciada por essas narrativas certamente se afastará das brincadeiras inconsequentes. Não há um só texto, entre as obras analisadas, que elogie a infância como um momento de brincadeiras e diversão. Todas as normas apresentadas atendem às expectativas dos adultos autores. A infância elogiada em alguns textos assemelha-se a uma maturidade precoce. O infringir da ordem pré-estabelecida resulta sempre em castigo, mesmo quando a personagem criança infringe essa ordem para brincar. Assim, confirma-se que o modelo de infância sugerido nos textos é passivo e segue moldes do mundo adulto.

Cabe lembrar que a leitura da palavra escrita, por si só, é capaz de estimular as capacidades intelectuais. O leitor sempre pode interferir na narrativa, parar, voltar atrás, reler, dar forma imagi-

nária a uma personagem e respeitar o seu próprio ritmo de leitura. Decodificando um livro é possível romper distâncias geográficas, sociológicas e históricas, sem perda do significado. Assim, o leitor pode conhecer a herança cultural de um povo antepassado, decifrar mensagens de seus contemporâneos e deixar um legado para o futuro.

Com relação ao livro, ainda se pode dizer que existem mais opções no mercado livreiro do que desenhos animados. A criança pode escolher desde um livro de pano, ou um livro de imagem, até um clássico adaptado para a infância, ou um livro de aventura e humor. Além disso, um professor de crianças em fase de fixação do gosto pela leitura pode apresentar aos seus alunos obras literárias de valor estético, cujo objetivo é a leitura-prazer; e não apenas textos com transmissão de valores. As obras carregadas de orientações morais, muitas vezes, podem até aniquilar o gosto pela leitura.

Pode-se dizer que a atitude de quem assiste à televisão é menos participativa do que a de quem lê um livro. Ao telespectador não são dadas oportunidades como interferir, parar ou imaginar a personagem da narrativa, pois na televisão tudo está pronto: até as cores das roupas, da pele e das personagens.

Sabe-se que a imagem da televisão é formada por pontos luminosos, que compõem deze-

nas de quadros por segundo. A sucessão é muito rápida, e o telespectador só consegue visualizar uma pequena parte de cada quadro. As imagens são recebidas de maneira incompleta, sendo completadas pelo telespectador. Isso requer uma participação, para conformação das imagens, mas não há indicadores de que essa participação exercite as faculdades mentais tanto quanto a leitura da palavra escrita exercida.

Se o público infantil assimila ou não essas normas, não se sabe ao certo. Ainda existem dúvidas a esse respeito.

Rocco afirma que ainda não se fez uma pesquisa exaustiva sobre isso; mas lembra, também, que, se para a criança não são proporcionadas outras realidades contrastivas, a influência sobre ela será muito grande.

Resta aos adultos, pais e professores, proporcionar às crianças outras produções culturais, algumas que tenham como intuito principal a diversão; ou pelo menos cuidar para que, mesmo lendo um livro ou assistindo a um desenho, a criança aprenda a questionar a ideologia veiculada por esses meios, desenvolvendo, assim, o seu senso crítico. De que modo fazer isso? Fica aqui a sugestão para uma futura pesquisa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

01. AGUIAR, V. T. de. Que livro indicar? interesses do jovem. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1979.
02. ANASTASI, A. Psicologia diferencial. São Paulo: Pedagógica e Universitária, 1974.
03. ANDERSEN, M. J. B. Violência nos desenhos animados exibidos pela televisão: uma ponderação necessária. São Paulo: USP, 1986. (Tese).
04. BAMBERGER, R. Como incentivar o hábito de leitura. 3.ed. São Paulo: Ática, 1987.
05. BREMOND, C. A lógica dos possíveis narrativos. In: BARTHES, R. Análise estrutural da narrativa. Petrópolis, Vozes, 1971.
06. CHAUI, M. O que é ideologia. 31.ed. São Paulo: Brasiliense, 1990.
07. ECO, U. Apocalípticos e integrados. São Paulo: Perspectiva, 1987.
08. FREIRE, P. A importância do ato de ler: em três artigos que se completam. 23.ed. São Paulo: Autores Associados Cortez, 1989.
09. JAUSS, H. R. et al. A literatura e o leitor: textos de estética da recepção. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979.
10. MALTIN, L. Of mice and magic: a history of american animated cartoons. Ontario: Plume Book, 1980.
11. PINTO, T. R. Videotinhas. Afinal, n. 152 p. 29-39.
12. ROCCO, M.T.F. Linguagem autoritária: televisão e persuasão. São Paulo: Brasiliense, 1989.
13. ZILBERMAN, R., LAJOLO, M. Literatura infantil brasileira: história & histórias. 3.ed. São Paulo: Ática, 1987.